



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS DE CASTANHAL  
FACULDADE DE PEDAGOGIA  
PARFOR – PEDAGOGIA 08**

**LEONICE COSTA PINHEIRO**

**FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Para que  
Contar Histórias, Professora?**

Castanhal – PA  
2018

LEONICE COSTA PINHEIRO

**FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Para que  
Contar Histórias, Professora?**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Pará, como requisito final para a  
obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Pedagogia, sob a  
orientação da Prof. Msc Lívia Cristina Fonseca de Araújo  
Faro.

Castanhal – PA  
2018

LEONICE COSTA PINHEIRO

**FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Para que  
Contar Histórias, Professora?**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à universidade Federal do Pará, como requisito final para a obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Pedagogia, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Msc Lívia Cristina Fonseca de Araújo Faro.

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup>. Orientadora: Lívia Cristina Fonseca de Araújo Faro.

---

Prof<sup>o</sup>. 1º Membro da Banca: Prof

---

Prof<sup>o</sup>. 2º Membro da Banca: Prof

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, por ter guiado meus passos durante toda esta jornada.

A minha amada mãe, Maria Cleonice Costa Pinheiro, por me mostrar, tantas e tantas vezes, como deve ser a qualidade e o caráter de um ser humano. Quais lutas devemos travar, quem devemos combater. Você é um exemplo de vida instigante e altaneira, mãe. Você é uma pessoa humana, humilde e dedicada aos mais elevados propósitos. Seu empenho e cuidado para conosco seus filhos, é de uma eterna e perene fonte de estímulo.

Ao meu querido irmão, Luiz Pedro Costa Pinheiro, que sempre me apoiaram nos estudos e nas empreitadas por mim idealizadas.

Aos professores, que assim como eu, descobriram a leitura de forma tardia.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeira a Deus, pelo dom da vida, sabedoria, força, por estar comigo me iluminando para conclusão de mais uma importante etapa de minha vida.

A minha mãe, Maria Cleonice Costa Pinheiro, que depois de Deus é mais importante na minha vida, que me educou da melhor maneira, e que sempre está ao meu lado.

Agradeço ao meu amado irmão, Luiz Pedro Costa Pinheiro pelo incentivo e preocupação.

A minha família por suas demonstrações de amor, incentivos e confiança em minha capacidade.

Agradeço a minha querida orientadora, professora Msc Lívia Cristina Fonseca de Araújo Faro, que me orientou, pela sua dedicação e incentivo, e me ajudou a conhecer um mundo lindo de leitura que vou levar para o resto de minha vida.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoção importante, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

(ABRAMOVICH, 1991, p.17)

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - **PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA- PARFOR**, tem como título **Formação de leitores na Educação Infantil: para que contar histórias, professora?**, parte da seguinte pergunta de pesquisa: qual a importância atribuída pelos professores à contação de histórias na formação de crianças leitoras na Educação Infantil da Escola em Regime de Convênio de Educação Infantil e Ensino Fundamental Cristiana Rossi – Castanhal/Pa?. Diante da questão propõem-se, como objetivo geral analisar a importância atribuída pelos professores a contação de histórias na formação de crianças leitoras na Educação Infantil da Escola Cristiana Rossi, do Município de Castanhal. E como objetivos específicos a) verificar qual o sentido e o significado que os professores da Educação Infantil da Escola Cristiana Rossi atribuem à contação de histórias em suas práticas cotidianas; b) Identificar como e quando é desenvolvida a contação de histórias na Educação Infantil na Escola Cristiana Rossi e c) Desvelar a formação leitora dos professores de educação Infantil da escola Cristiana Rossi. Desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, de campo e com abordagem qualitativa, onde se utilizou entrevistas com professoras de educação infantil. Os resultados encontrados nesse trabalho deixam cada vez mais evidente a importância da contação de histórias na Educação infantil para uma formação de leitores, bem como de os professores possuem uma boa formação leitora e bom envolvimento com a leitura para então perceber mais a literatura como uma possibilidade de desenvolvimento e de aprendizagem da criança.

**PALAVRAS-CHAVES:** Contação de história. Educação infantil, Formação de leitores.

## ABSTRACT

The present work of conclusion of the Course of Pedagogy of the Federal University of Pará - PLAN OF ACTIONS ARTICULATED TRAINING OF TEACHERS OF BASIC EDUCATION - PARFOR, has as its title Training of readers in Early Childhood Education: to tell stories, teacher ?, part of the following question : what is the importance given by teachers to storytelling in the training of reading children in the Infant Education of the School in the Infant Education and Early Childhood Covenant Regime Rossi – Castanhal / Pa ?. In view of the issue, it is proposed, as a general objective, to analyze the importance attributed by teachers to the storytelling of the training of reading children in Early Childhood Education at the Cristiana Rossi School in the Municipality of Castanhal. And as specific objectives a) to verify what meaning and meaning the teachers of Early Childhood Education of the Rossi School attribute to the storytelling in their daily practices; b) Identify how and when the storytelling is developed in Early Childhood Education at the Rossi Christian School and c) Unveil the reading education of the teachers of Early Childhood Education at the Cristiana Rossi School. We developed a bibliographical research, field and qualitative approach, where we used interviews with teachers of early childhood education. The results found in this work make it increasingly evident the importance of storytelling in children's education for a training of readers, as well as the teachers have a good reading and reading involvement and then understand literature more as a possibility development and learning.

**Key Words:** Storytelling. Children's education, Teacher training.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>1.CAMINHOS DA PESQUISA .....</b>	<b>15</b>
1.1. A COMUNIDADE .....	15
1.2. A ESCOLA.....	17
1.2.1. PERCURSO METODOLÓGICO .....	18
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>21</b>
2.1. ESCOLA E EDUCAÇÃO INFANTIL.....	21
2.2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	25
2.3. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR.....	28
2.4. FORMAÇÃO CULTURAL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	30
<b>3. ANÁLISE, DISCURSSÃO E RESULTADOS DOS ESTUDOS.....</b>	<b>33</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

Sabemos que a infância é o período da vida mais decisivo para toda a história da pessoa, é o momento de formação integral do sujeito, em que a via sensível que é a literatura, a fruição literária possibilita, e, é fundamental para o hábito da leitura, pois se o sujeito se apropria dessa valiosa ferramenta desde cedo, conseqüentemente, ele amplia e aprimora a sua formação cultural e diferentes vertentes de pensamentos, acaba por desenvolver na pessoa uma forma mais crítica e reflexiva.

Segundo Mello “este é o momento adequado para influenciar e potencializar seu desenvolvimento” (2005, p. 34). Desta forma, é necessário que a criança desenvolva o gosto pela leitura desde logo cedo.

Nesse sentido, é necessário que os educadores busquem alternativas para desenvolver uma aprendizagem significativa a seus alunos, proporcionando a compreensão de várias formas de gêneros textuais, para que se tornem leitores, e possam contribuir com seu diferencial cognitivo e sensível com a sociedade, e isso só será realidade, se incentivarmos nossas crianças a ler.

Para isso, “a contação de histórias, no âmbito da sala de aula, é um dos recursos que estão à mão do professor para fazer com que seus alunos se aproximem do mundo da leitura”. Sisto (2012, p.90). E a contação de história é um meio prazeroso para fazer com que esses alunos adquiram o gosto pela leitura, pois as histórias atraem, e envolve a todos no processo de educar, uma vez que isto é uma forma talvez mais interessante de se aprender, é um tema de grande aceitação por parte das crianças, logo desperta interesse e participação deixando a aula atrativa e mais dinâmica.

De acordo com Sisto:

Por tudo isso, pode-se dizer: as crianças que têm contato com as histórias desenvolvem mais a imaginação, a criatividade e a capacidade de discernimento e crítica; na medida em que se tornam ouvintes e leitores críticos, as crianças assumem o protagonismo de suas próprias vidas. (SISTO, 2005.p.144)

Contar uma história não é perda de tempo, nem tampouco uma forma de preenchê-lo. Essa vivência é importante para a formação de um sujeito crítico e atuante na sociedade por que se o sujeito tem a chance de ver a vida de muitas outras formas, ele não vai ser aquela pessoa que acredita ou obedece tudo o que é dito, já que ele tem conhecimento suficiente para argumentar e defender suas ideias e opiniões.

As histórias infantis auxiliam no desenvolvimento da criança, trabalhando os sentimentos (amor, raiva, alegrias...), possibilitando a ela, a relação com suas próprias emoções. Por conta disso, Abramovich (1991) explica que:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar..., pois, é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1991, p.17)

As histórias não são apenas para as crianças aprenderem a ler ou para se comportar melhor, mas para sentirem e experimentarem coisas que às vezes no seu cotidiano elas não têm oportunidade de viver ou compreender e elaborar com clareza, contribuindo assim, também, para desenvolvimento do conhecimento de si e do outro, percebendo o mundo e a realidade que a cerca. De modo que, muitas das vezes aquela história que é contada para a criança tem mais a ver com a vida dela do que ela imagina. E quando ouve a história, reconhece sentimentos que já sentia, mas não sabia lidar com eles ou expressá-los por não conhecê-los. Então esse momento é fundamental para uma criança pequena por que é quando ela está elaborando suas emoções e se constituindo como pessoa, no processo de desenvolvimento dos seus potenciais humanos.

Nesse sentido, a contação de história, é de suma importância na vida das crianças, uma vez que auxilia na formação de atitudes e é fonte inesgotável de divertimento e prazer. Com esta vivência, a criança compreende melhor as pessoas e o mundo que a cerca; adquire conhecimentos e amplia experiências; desenvolve o gosto e o interesse pela leitura.

E é aí que os professores e os pais podem utilizar esta ferramenta para envolver os pequenos leitores, pois, justamente é na Educação Infantil deve oferecer as crianças condições para que a aprendizagem ocorra em atividades rotineiras, onde o professor assuma a condição de mediador buscando atividades que despertem o interesse e o gosto por querer aprender. Muitas vezes, a criança ao ouvir uma história ela estabelece relações significativas entre o que ela já conhece e aquilo que é novo, encontrando-se em processo de construção.

Por este motivo mesmo na Educação Infantil as crianças já criam o hábito de escutar histórias, desencadeando um processo de valorização do livro como fonte de conhecimento e entretenimento. Ao falar dessa questão, Abramovich (1991):

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança, ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las, é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão de mundo... (ABRAMOVICH, 1991, p.16)

Por conta disso, ao ouvir histórias, a criança vivencia momentos de prazer em grupos, na escola ou na família, enriquece seu imaginário, amplia o vocabulário, além de se familiarizar com a leitura, mas também ganha diferentes possibilidades de ler o mundo, o que a possibilita entendê-lo e atuar nele de maneira cada vez mais consciente e criativa.

Também é importante lembrar que, os momentos da contação de história para as crianças devem ser dinâmicos e criativos, sem nenhuma obrigatoriedade, podendo transformar esse momento em uma diversão, para que os livros possam se tornar tão atraentes quanto os brinquedos e as brincadeiras.

Assim, quando a relação criança/livros se torna prazerosa e divertida, tende a formar leitores, pois seres humanos gostam de reviver emoções que lhes encantam. Pode-se dizer então, que para a formação de bons leitores adultos é importante colocar desde cedo as crianças em contato com a leitura.

Talvez a falta da prática de uma leitura significativa na Educação Infantil tenha produzido os baixos índices de leitores que vemos nas escolas hoje, e também a falta dessa prática em casa tem influenciado nas dificuldades que os alunos apresentam para ler e, sobretudo, compreender o que leem.

Percebe-se isso quando se teve a oportunidade de estar mais próximo desse universo da leitura, quando em um determinado momento de minha vida, precisei trabalhar com contação de histórias na Educação Infantil, com crianças de 4 e 5 anos, na Escola em Regime de Convênio de Educação Infantil e Ensino Fundamental Cristiana Rossi, no Município de Castanhal, Pará. No início, não sabia muito o que fazer, nem tinha noção do quão importante era aquele momento de contação de história para as crianças. Ainda posso lembrar a primeira história que contei para eles “O Curupira e a Árvore dos desejos”. Conteí essa história por que era próximo ao dia do folclore. Meio sem jeito, coloquei uma peruca de cabelo vermelho na cabeça e uma maquete que fiz nem sei como... e fui contar a história para eles. Aquele momento era tão lindo para eles e tão cheio de conhecimento que eu nem fazia ideia do que eu tinha despertado ou do que eu poderia despertar naquelas crianças. Conforme fui trabalhando, me envolvendo, conhecendo pude perceber a importância daquele momento para elas e para mim também. Percebi que para muitos deles aquele era o único momento que eles tinham com os livros de forma prazerosa.

Ficavam encantados quando eu chegava na escola, e antes mesmo de entrar na sala eu ouvia as crianças dizerem: “*Chegou a professora que conta história!*” Mais ainda quando eu contava uma história para eles e percebia como eles pareciam encantados, com seus olhinhos e ouvidos atentos na história que eu estava contando.

E quando todos queriam contribuir com alguma fala ao final da história, também quando um ou outro queria falar no meio da história e outros faziam gestos de silêncio, pois estavam tão envolvidos com aquele momento, com aquela história que não queriam que nada tirasse sua atenção.

Que momento lindo eu vivi com aquelas crianças e como elas precisam disso, de ouvir histórias. Mas ouvir sem a obrigação de aprender “um conteúdo” específico. Porque nesse momento eles já estão aprendendo coisas, estão aprendendo a brincar, se divertir, se descobrir, e vivendo todas essas experiências de forma prazerosa sem a obrigação de fazer uma atividade que nem faz sentido para eles, que as vezes pode até acabar estragando um momento lindo de despertamento de sentidos e potencialidades humanas e ampliando sua cultura sem necessariamente ser por meio de uma atividade curricular tradicional.

Então com essa experiência que vivi “por acaso” como “Contadora de História” (porque naquela ocasião era a possibilidade de trabalho que me era oferecida), pude perceber que aquele momento não era importante apenas para os alunos, mas para mim também, que aqueles momentos que vivi com os livros infantis foram o meu primeiro contato de forma prazerosa com a literatura. Descobri também que o meu primeiro contato de verdade com a leitura aconteceu de forma tardia, mas também de forma encantadora através das histórias infantis. Atualmente não trabalho mais como Contadora de Histórias da escola, desempenho a regência de disciplina referente a minha primeira graduação em Letras, mas sempre que posso início ou finalizo minhas aulas com uma boa história infantil por que sei que esse momento é importante e pode fazer o diferencial na vida de uma criança.

Hoje me batendo entre as palavras e as folhas dos textos e livros que preciso ler para fazer esse trabalho, percebo o quanto a falta de incentivo à leitura desde criança me faz falta. Não me lembro de ter ouvido histórias quando criança, nem na escola, nem em casa. Eu não tinha uma pessoa em casa que me contasse história. Hoje nem posso dizer que tenho uma personagem favorita ou um autor favorito, porque talvez nunca parei para ler de fato um livro. De minha infância com os livros eu só lembro das cartilhas de ABC que mamãe e a Professora Raquel usavam para me ensinar a ler. A mamãe não tinha muita paciência e a professora Raquel era de reforço, uma senhora que morava sozinha, acredito que uma

professora aposentada, não sei. Mas era uma senhora muito rígida, não podíamos falar, só repetir o que ela ensinava, e fazíamos muitas cópias que ela dizia que era para a letra ficar bonita. Depois disso, já na adolescência li o livro “Diário secreto de Laura Palmer”, na época era uma febre entre minhas colegas de escola. E como adolescente quer fazer o que todos fazem, li o livro. Era um diário de uma menina que foi encontrada morta. Foi uma boa leitura, mas não o suficiente para me encantar a ponto de me fazer querer conhecer mais desse mundo da leitura.

Depois disso, só me lembro de ter tentado ler um livro na faculdade de letras que fiz. Um professor de literatura passou um trabalho que tínhamos que falar sobre a Odisseia, mas o livro era muito grosso e estava escrito em forma de poemas, como eu não entendia quase nada desisti do livro e só decorei a minha parte para apresentação do trabalho. Enfim..., as experiências que lembro que tive com leituras foram sempre “obrigatórias”. Na escola era ler para decorar, no vestibular o nome já assustava “leituras obrigatórias”. Essas leituras só me afastavam mais ainda dos livros, porque eu não via como uma coisa prazerosa, que despertasse interesse. Então hoje percebo que deixei de ter acesso a muitas coisas na minha vida porque eu não era leitora, porque eu não sou uma leitora, porque eu não fui incentivada a ser uma leitora. Hoje, estou terminando minha segunda graduação e tenho até vergonha porque pareço não saber nada. Tenho duas graduações e não tenho conteúdo para argumentar nem com esse trabalho que estou fazendo. E agora, diante disso eu só me vejo entre duas alternativas; continuar cega para onde buscar o conhecimento de verdade, ou seguir com minha vida sem argumentos plausíveis.

Por isso, é preciso de alguma forma proporcionar isso para as crianças. Mostrando para os professores que a contação de história vai muito além do que um mero passatempo ou simplesmente ensinar um conteúdo. O professor não pode contar uma história se preocupando em encontrar a moral da história, em chegar em algum lugar com aquela história que ele contou. Porque a história pode proporcionar algo muito maior que isso, é uma necessidade importante da criança de ter um alimento literário que desperte nela o interesse de descobrir aquilo que não é dito da maneira mais óbvia, por uma imagem, por uma metáfora, que ela seja nutrida a partir do ponto de vista dela e não do que é imposto.

Em face disso, acredita-se que os professores precisam ter outro olhar para contação de história. Não usar as histórias na escola somente para ensinar contextos formais porque vai, além disso. Uma história pode formar um leitor para a vida. E esse momento da educação infantil seria o melhor momento para isso, porque é quando as crianças estão em momentos

de formação, e esse lugar da contação de história pode ser o que de mais próximo elas tem do universo infantil, por isso é tão importante.

Pensando em minhas lembranças e experiências como professora no percurso dessa pesquisa foi necessário elaborar os seguintes problemas de pesquisa:

Qual a importância atribuída pelos professores à contação de histórias na formação de crianças leitoras na Educação Infantil da Escola Municipal Cristiana Rossi, do Município de Castanhal? Para tanto, minhas próprias memórias me sugerem investigar, como questões norteadoras:

- Os professores da Educação Infantil da escola Cristiana Rossi, consideram que a contação de histórias desperta no aluno o gosto e o interesse pela leitura?

- Como e quando é desenvolvida a contação de história na Educação Infantil na escola Cristiana Rossi?

- Qual a formação leitora dos professores de Educação Infantil da escola Cristiana Rossi?

Sendo assim, o objetivo geral do presente trabalho é analisar a importância atribuída pelos professores a contação de histórias na formação de crianças leitoras na educação infantil da escola Cristiana Rossi do Município de Castanhal. E como objetivos específicos:

- a) Verificar qual o sentido e o significado que os professores da Educação Infantil da Escola Cristiana Rossi atribuem à contação de histórias em suas práticas cotidianas.
- b) Identificar como e quando é desenvolvida a contação de histórias na Educação Infantil na Escola Cristiana Rossi.
- c) Desvelar a formação leitora dos professores de educação Infantil da escola Cristiana Rossi.

Diante disso, com essa pesquisa, pretende-se mostrar a importância da contação de histórias na educação infantil para formação de leitores.

## 1. CAMINHOS DA PESQUISA

Para anunciar os caminhos desta pesquisa, considera-se importante apresentar a comunidade na qual a escola está inserida, a própria escola, de maneira breve e o seu percurso metodológico.

### 1.1. A COMUNIDADE

De acordo com o relato da moradora mais antiga da Comunidade, Francisca Barbosa dos Santos, nascida no ano de 1925, a comunidade do km 07 começou a ser habitada, a partir dos anos de 1900, por moradores, em sua maioria recém-chegados do Nordeste; do Ceará e Paraíba. Relata a mesma que sua mãe (descendente de cearense) foi uma das que chegou neste período, mas morava em Acará, não sabendo a mesma informar, se havia mais moradores antes de 1900. Inicialmente foi chamada de Travessa dos canudos, pois havia grande quantidade de bambus, depois foi também chamada de “Feijão com Jabá”.

Segundo a moradora, muitas mudanças ocorreram, desse período para os dias atuais, aspectos físicos, econômicos e culturais acompanharam essa mudança. A economia da comunidade era cerca de 100% baseada na agricultura de subsistência, era cultivada a mandioca, e os moradores sobreviviam da venda de farinha. Outra atividade econômica, era baseada na produção de carvão. A partir do ano de 1970, aproximadamente, uma família de japonês comprou alguns terrenos, onde fez plantações: hortaliça, maracujá, limão, mamão, dendê e pimenta-do-reino; este cultivo deu emprego de “peão” (aquele que planta, cuida e colhe os produtos cultivados) para alguns moradores da comunidade.

A moradora relatou ainda, que inicialmente, o km 07, contava com um número bem pequeno de habitantes, cerca de 6 famílias. Não tinha acesso à energia, somente a partir do ano de 1994, no governo de Jader Barbalho é que chegou energia para a Travessa José de Alencar. A água encanada, também foi outro benefício alcançado a bem pouco tempo, em meados de 2005. O lazer era realizado em dois igarapés, um de águas cristalinas chamado Coelho, que foi extinto pelas mãos humanas, quando colocaram sistema de tubulação para interligar o km 7 a Rodovia Castanhal São Francisco no ano de 1994, aproximadamente. O outro era um açude; locais bastante visitados pelos moradores e visitantes que vinham da cidade. Onde hoje se localiza a Escola Cristiana Rossi, era anteriormente o terreno da família Naka (japonesa), a qual trabalhava com o cultivo de produtos agrícolas, posteriormente o terreno foi vendido para um fazendeiro de Minas Gerais, o qual fez do terreno uma fazenda.

Depois de vários anos venderam para outro dono, e posteriormente foi vendido para a Caixa Econômica e Diocese para a construção do Conjunto São Carlos Borromeo.

A partir da construção do conjunto, configurou-se uma nova era, na então chamada colônia José de Alencar, passando a ter no início do seu ramal, uma pequena parte da cidade, uma espécie de bairro periférico, com pouca infraestrutura, sem serviços essenciais à população, como saneamento básico, rede de esgoto e serviço de saúde. Existe serviço de coleta do lixo, no entanto, é feito apenas na parte inicial do ramal. Os moradores que residem mais distante da pista, não recebem esse serviço. Toda a comunidade do Km 7, recebe o serviço de iluminação pública. Não há asfaltamento em nenhuma parte.

De acordo com os relatos expostos anteriormente, conclui-se que o km 7, a Travessa José de Alencar, constitui uma comunidade bastante heterogênea, com características de um lado, bastante urbano, enquanto o outro lado é rural. A economia baseia-se ainda em atividades agrícolas, principalmente o cultivo de hortaliças, no entanto nos últimos 8 anos, vem crescendo o número de fábricas no km 7 e em suas proximidades. A primeira fábrica que surgiu, foi a Samaritana, oriunda de um projeto que reúne várias mulheres, principalmente as do Conjunto, as quais trabalham de forma cooperativa na produção de Skilhos, logo em seguida veio a fábrica de Cremosinho, depois a fábrica de açaí Pará Mix, localizada nas proximidades da rodovia PA-136. E, no ano de 2015, um jovem agricultor trocou suas hortaliças pelo empreendimento de uma grande fábrica de açaí (Açaí Belo Fruto). Todas essas fábricas dão emprego aos moradores do km 07, e do seu entorno.

A cultura vivenciada na comunidade é a mesma da cidade de Castanhal, as pessoas visitam os eventos festivos de lá. Mas vale ressaltar, alguns eventos festivos e religiosos da comunidade, como a festividade de Nossa Senhora de Nazaré, do Ramal, a qual é realizada no mês de outubro, é um evento que reúne centenas de pessoas, bem como a Festa do padroeiro da Comunidade do conjunto, a Festividade de São Carlos Borromeo, que ocorre no mês de novembro. Outro momento de grande relevância é a Festa Junina da Escola Cristiana Rossi, a qual conta com desfile de Miss, apresentações de dança, venda de comidas típicas, etc. e, reúne também centenas de pessoas não só da comunidade como de outras próximas.

Há um quantitativo de 1.061 habitantes, segundo os dados informados pela A. C. S (Agente Comunitário de Saúde), de acordo com o cadastramento e recadastramento realizado nos últimos meses do ano em curso.

## 1.2. A ESCOLA

Segundo o Projeto Político Pedagógico - PPP (2017/2018) a Escola em Regime de Convênio de Educação Infantil e Ensino Fundamental Cristiana Rossi, foi inaugurada no dia 18 de abril de 2008, no governo do Prefeito Hélio Leite e a mesma trouxe o tema “Acolhendo a Vida”. A escola surgiu da parceria entre alguns membros da igreja católica com Prefeitura de Castanhal (Dom Carlos Verzeletti e Mário Estefano Antoneli).

Esta Unidade Escolar faz parte da escola do campo, sendo composta por 163 alunos e 29 funcionários, dentre eles: uma diretora, uma professora responsável, dezesseis docentes, uma coordenadora pedagógica, quatro agentes administrativos, quatro serventes e duas merendeiras. Localizada na Rua: Dom Vicente Zico s/n, Km 07, Conjunto: São Carlos Borromeo. Rodovia Castanhal Terra Alta – Meio Rural.

O Terreno da escola mede 177 metros e 40 centímetros, sendo a área construída de 89 metros e 80 centímetros. O espaço construído é composto das seguintes dependências: Administrativa 01, Sala de Vídeo 01, Salas de aula 04, Cozinha 01, Refeitório 01, Banheiros 06, 01 Sala de professores, Sala de atividades 01.

Os órgãos mantenedores da escola são a Prefeitura de Castanhal e a Diocese de Castanhal Santa Maria mãe de Deus, onde são atendidas crianças da comunidade e de outras localidades próximas. A maioria dos alunos chega a escola no ônibus escolar. Por ser uma escola com vínculos com a igreja católica elas fazem uma oração antes de entrar em sala.

A escola não possui estrutura para alunos com necessidades especiais e não possui sistema de refrigeração, a ventilação é realizada por ventiladores e por espaços abertos nas salas para a circulação do ar de fora para dentro. Os recursos tecnológicos disponíveis não são suficientes para suprir as necessidades, tendo os funcionários que trazer os materiais de casa para realizar algumas tarefas, ou mesmo, levar o trabalho para realizar em casa.

Possui quatro salas de aula, sendo para a educação infantil de 4 e 5 anos ao 5º ano do ensino fundamental com no máximo 29 alunos e um professor por turma. A escola possui dois turnos para atender os alunos das comunidades próximas à escola: do km 03, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12 e do ramal da Iracema.

**TABELA 1. A distribuição dos discentes e professores por turma está organizado da seguinte forma:**

TURNO	TURMA	Nº ALUNOS	Nº PROFESSORES	IDADE DOS ALUNOS
Manhã	Ed. infantil 05 anos	17	01	5 anos
Manhã	1º ano	16	01	6 anos
Manhã	3º ano	21	01	8 anos
Manhã	4º ano A	20	01	9 anos
Tarde	Ed. Infantil 04 anos	19	01	4 anos
Tarde	2º ano	29	01	7 anos
Tarde	4º ano B	21	01	9 anos
Tarde	5º ano	20	01	10 e 11 anos
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>169</b>	<b>08</b>	<b>-</b>

Fonte: Acadêmica - 2018

Além desses professores, à escola conta com 04 professores horistas, 03 professores de projetos e, 01 professora auxiliar, totalizando 16 professores.



### 1.2.1. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa foi realizada com base em livros e textos que falam sobre o tema em questão para o suporte bibliográfico, onde foi também observada a prática de duas professoras de educação infantil de 4 e 5 anos da Escola em Regime de Convênio de Educação Infantil e Ensino Fundamental Cristiana Rossi da rede Municipal de ensino de Castanhal-Pa, também foi feita uma entrevista com as mesmas.

Esta pesquisa está atrelada as bases qualitativas por meios de instrumentos que viabilizaram ao pesquisador uma compreensão referente ao objeto da pesquisa.

Diante desse fato, optou-se pela modalidade qualitativa, que proporcionou ao pesquisador, vivenciar critérios de qualidade tomando como base a entrevista semiestruturada, que nos deu uma perspectiva, o que possibilitou a compreensão do que o sujeito da pesquisa pensa e fala do tema em questão.

Lüdke e André (1986) expressam:

É cada vez mais evidente o interesse que os pesquisadores da área de educação vêm demonstrando pelo uso das metodologias qualitativas. Apesar da crescente popularidade dessas metodologias, ainda parecem existir muitas dúvidas sobre o que realmente caracteriza uma pesquisa qualitativa, quando é ou não é adequado utilizá-la e como se coloca a questão do rigor científico nesse tipo de investigação. [...] A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está inserida [...]. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.11)

Então, tornou-se vital estar em contato com os sujeitos da pesquisa, portanto o tipo de pesquisa que se mostrou mais adequada para esse trabalho foi a pesquisa de campo, pois ela é uma das técnicas de pesquisa aplicadas para se buscar informações de uma forma ampla, bastante utilizada nas pesquisas de natureza qualitativa, e com objetivos exploratórios. Pesquisa é uma investigação, é uma procura constante, uma busca, quem pesquisa está procurando conhecer uma verdade.

A presente pesquisa foi realizada em uma escola pública do campo do Município de Castanhal/Pa. Para a realização desta pesquisa teve-se como sujeitos da pesquisa, duas professoras que lecionam na Educação Infantil, juntamente com a sua turma de alunos. Inicialmente entrou-se em contato com a direção da instituição escolhida para pedir a permissão necessária para realização da pesquisa.

Num segundo momento foi feito o convite as professoras e seus alunos para participarem da pesquisa, explicando o objetivo a ser desenvolvido na presente instituição e o quanto é importante a colaboração de todos para a realização do trabalho, foi explicado para todos os envolvidos na pesquisa sobre os termos de consentimento e sigilo que teriam que assinar.

No intuito de alcançar os objetivos, usou-se como instrumento a entrevista semiestruturada. Através do diálogo a entrevista semiestruturada oferece ao pesquisador

informações sobre a experiência vivida no ambiente em que está sendo feita a pesquisa. A entrevista é de grande valia na aquisição de dados na pesquisa qualitativa, constituindo-se como instrumento que permite o contato com o entrevistado. Para Trivinos (1987) a:

(...) entrevista semiestruturada, em geral aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias; hipóteses, que interessam a pesquisa, e que, em seguida oferece amplo campo de interrogativas, frutam de nossas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVINOS, 1987, p. 146)

Desta forma, a entrevista semiestruturada possibilitou ao pesquisador interpretar cada gesto e atitude de forma minuciosa, cada resposta, cada expressão apresentada na fala do pesquisado, que serviu de dado a ser também analisado juntamente com o conteúdo da entrevista.

A transcrição deu-se em dois momentos; no primeiro, foi realizada a transcrição na íntegra e para verificação da credibilidade da entrevista, realizou-se o procedimento de concordância, em que o pesquisador com o texto em mãos escuta minuciosamente cada frase e cada detalhe da gravação comparando e corrigindo se necessário, objetivando estar fiel ao que está gravado.

No segundo, se editou com a finalidade de corrigir alterações defeituosas das normas da língua padrão, provocadas por descuido ou descaso por parte do falante.

É importante anunciar que os nomes das professoras sujeitos dessa pesquisa foram substituídos por nomes codinomes inspirados no imaginário infantil presente na literatura para que seja preservado suas identidades. Assim, têm-se as professoras denominadas Encantada e Fada Madrinha. A professora denominada Fada Madrinha possui a formação acadêmica com Licenciatura em Pedagogia, e a pós-graduação em Educação Especial. Trabalha há 3 (três) anos com Educação Infantil, hoje está trabalhando com 200h em duas escolas com turmas de crianças de 4 (quatro) anos. Na escola onde foi feita a pesquisa a turma tem 19 (dezenove) alunos. A professora nomeada de Encantada tem formação acadêmica de Licenciatura em Letras com pós-graduação em LIBRAS, cursando licenciatura em Pedagogia, trabalha há 8 (oito) anos com Educação Infantil. Esse ano está em uma turma de crianças de 5 (cinco) anos com 17 (dezesete) alunos. Além de permitirem a preservação das identidades das professoras, os codinomes foram escolhidos a partir das referências importantes para a própria pesquisadora no universo literário e na tarefa que este tem de educar.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para trilhar o caminho necessário à análise que ora desejamos realizar, entende-se ser relevante aprofundar as leituras focadas nos seguintes subitens: escola e educação infantil, contação de história na educação infantil, contação de história na formação do leitor e formação cultural do professor de educação infantil.

### 2.1. ESCOLA E EDUCAÇÃO INFANTIL

Os primeiros anos de vida escolar de uma criança são muito importantes, por isso cada detalhe é fundamental, é quando a criança está no seu momento de construção, de socialização de autonomia, cooperação e solidariedade. Então, é importante proporcionar a ela mecanismos que a faça construir isso, e nesse momento a escola tem um papel importantíssimo na vida da criança.

Então, quanto mais cedo a criança for para a escola, mais cedo ela começa a ter um desenvolvimento pleno de suas funções motora, cognitiva e psicossocial, o que contribui para o alcance dela no sucesso escolar e as suas capacidades plenas na vida adulta.

Segundo (Outeiral, 2003), a criança chega à escola levando consigo aspectos constitucionais e vivências familiares, porém o ambiente escolar é uma peça fundamental em seu desenvolvimento. Estes três elementos-aspectos constitucionais, vínculos familiares e ambiente escolar, constituem o tripé do processo educacional.

A escola, é um espaço onde se vivencia várias formas de aprendizado, é o local que contribui para a construção de conhecimentos e desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas, afetivas e valores sociais. Silva afirma que:

A escola é o lócus de construção de saberes e de conhecimentos. O seu papel é formar sujeitos críticos, criativos, que domine um instrumental básico de conteúdos e habilidades de forma a possibilitar a sua inserção no mundo do trabalho e no pleno exercício da cidadania ativa. (SILVA, 2002, p.196)

É na escola que se constrói parte da identidade de ser e pertencer ao mundo; nela adquire-se os modelos de aprendizagem, a aquisição dos princípios éticos e morais que permeiam a sociedade; na escola depositam-se as expectativas, bem como as dúvidas, inseguranças e perspectivas em relação ao futuro e às suas próprias potencialidades.

Por isso, é importante evidenciar que a escola é o local que contribui para a construção de conhecimento e desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas, afetivas e sociais, por meio de habilidades e competências, atitudes e valores. O espaço escolar desenvolve no universo do educando a capacidade de se tornar cidadãos críticos, reflexivos sobre questões sociais e buscando alternativas, nesse sentido, Libâneo (2005) afirma que:

Devemos inferir, portanto, que a educação de qualidade é aquela mediante a qual, a escola promove, para todos, o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos educandos. (p.117)

Dessa forma, se entende que a escola deve oferecer um espaço de formação e informação, onde a aprendizagem das diferentes áreas do conhecimento possam fornecer, aos educandos possibilidades necessárias de educação visando a inserção e transformação do indivíduo na sociedade.

Sendo assim, é preciso ressaltar a importância da escola de educação infantil, para as crianças, na perspectiva de que é uma instituição que favorece a criança um espaço de interação, de socialização e aprendizagem que são relevantes para ela viver nessa etapa da sua vida. Então, como a educação infantil é a primeira etapa da educação básica, possui um papel indispensável na formação da criança.

Richer (2016) refere-se ao assunto da docência na educação infantil apontando que:

O trabalho docente na Educação Infantil reúne, ao mesmo tempo, grandes expectativas e grandes questionamentos. Se, por um lado, constitui uma profissão em expansão, diante do crescimento da demanda de matrículas e das profundas mudanças na função social e política da educação de crianças de zero a cinco anos no Brasil, por outro, enfrenta intensos debates em torno de sua identidade profissional.

Por isso, a função básica do docente de educação infantil é apresentar para as crianças dos anos iniciais aquilo que é fundamental para a sua educação básica, que é a socialização o convívio, a relação com o outro, aprendendo e respeitando as diferenças. Nesse sentido, à Educação Infantil é um dos momentos mais importante da criança na escola, é o pilar para o desenvolvimento do aluno. Pois é esse o período que fará mais diferença para o futuro, sendo a base para o desenvolvimento subsequente.

Sabe-se que a Educação infantil sofreu grandes transformações nos últimos tempos. Quando surgiram as instituições de educação infantil, elas eram apenas como “depósitos de crianças”, onde só cuidavam e não educavam, ou seja, as crianças não tinham contato algum

com o conhecimento, não tinham ensino-aprendizagem, era um lugar onde as mesmas passavam o tempo. Antes também o que era mais comum na educação infantil era uma ideia de criança vazia, onde o professor era quem sabia de tudo e era ele quem ia ensinar tudo para a criança, o professor tinha a ideia que a criança não trazia nada de conhecimento, a história de vida da criança no seu convívio familiar não era levada em consideração. Hoje o professor já vê a criança como produtora e reprodutora de conhecimento. Por que quando ela se relaciona no seu convívio com a sua cultura ela já adquire conhecimentos que vai levar para escola, que já vai ajudá-la a vivenciar os novos conhecimentos que a escola vai lhe proporcionar. Então, nessa perspectiva hoje o “cuidar e educar” está em proporcionar para criança um espaço de socialização e aprendizagem.

A Educação Infantil no Brasil é algo recente, pois foi após a década de 80 que o atendimento à criança em creches e pré-escolas teve um crescimento significativo. No nosso país, até os anos finais da década de 1980, as crianças não eram vistas pelo Estado como sujeito de direitos, que precisasse de cuidados e educação; com direitos reconhecidos e obrigações a cumprir.

Em 1988, a Educação Infantil passou a ser reconhecida formalmente na Constituição, ao determinar em seu artigo 208, inciso IV que “o dever do Estado com a educação seria efetivado mediante a garantia de [...] atendimento em Creche e Pré-escola às crianças de 0 a 5 anos de idade”. (BRASIL, 1988, p.109)

Além da Constituição Federal de 1988, foi elaborado o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e em 1994, aconteceu a Conferência Nacional de Educação para Todos, com o I Simpósio de Educação Infantil, que aprovou a Política Nacional de Educação Infantil; mas foi com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em 1996, que a Educação Infantil passou a ser colocada como a primeira etapa da educação básica no Brasil; com isso, a responsabilidade tornou-se dos municípios, eles passaram a ter obrigação de disponibilizar espaço e vagas para atender as crianças de sua localidade. Como também essa lei tem a finalidade de promover o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, complementando a ação da família e da comunidade.

De acordo com Hermida (2009), o direito a educação é assegurado às crianças, por um lado pelo Estado, que enquanto tutor deve promover políticas que garantam aos cidadãos um mínimo de bem-estar, tendo a educação como principal componente; por outro lado, os pais, que diretamente devem assumir a responsabilidade pelos menores. Ainda tomando como referência o referido autor, concorda-se quando ele enfatiza que:

A educação é uma responsabilidade compartilhada [...] entre Estado e pais, uma vez que ambos são promotores ou representantes dos interesses ou dos direitos dos filhos e dos cidadãos, na medida em que são responsáveis diretos pela prestação ou concretização destes direitos. (HERMIDA, 2009, p. 46)

No que se refere à Educação Infantil, de fato, ainda não é aquela que desejamos, mas podemos dizer que após sua regulamentação nas legislações vigentes (CF/1988, ECA/1990, LDBEN/1996, PNE/2001, PNE 2011/2020, Lei 11.274/06, e a mais atual, a Lei n. 12.796), tem sofrido modificações plausíveis, principalmente no que diz respeito ao reconhecimento da criança como sujeito de direitos, assegurando o atendimento à educação em instituições públicas de qualidade com profissionais devidamente qualificados.

O Plano Nacional da Educação (PNE) ainda afirma que a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tendo a finalidade de desenvolver integralmente a criança que tenha até 5 (cinco) anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Ou seja, a Educação Infantil torna-se etapa fundamental para o desenvolvimento integral da criança e deve ser atendida juntamente com profissionais especializados capazes de fazer a mediação entre o que a criança já conhece e o que ela pode vir a conhecer. Contudo, na prática, fica evidente a necessidade de profissionais devidamente qualificados para atender as especificidades das crianças em Creches e Pré-escolas. Nesse sentido, Nascimento (2007, p.107) faz a seguinte crítica:

Embora a Educação Infantil seja parte integrante da Educação Básica, sua especificidade é pouco reconhecida [...] a única diferença apontada pela lei entre a Creche e a Pré-escola diz respeito à faixa etária. [...] o fato de ter sido definida como um nível de ensino implica uma série de normatizações próprias à instituição escolar. A criança, alvo do atendimento multifacetado que deveria dar conta das questões afeitas ao cuidado e à educação, passa a ser vista como aluna, mesmo que tenha três meses de idade.

A Educação Infantil compreende crianças de 0 a 5 anos de idade, onde são estimuladas através de atividades lúdicas e jogos, a exercitar sua capacidade cognitiva e motora, a desenvolver suas habilidades, a fazerem descobertas sobre si e sobre o meio que lhe rodeia, antes de iniciarem o processo de alfabetização. São inúmeros os problemas que abrange a educação das crianças, pois é uma questão social e não individual, não apenas da família ou da escola.

Diante essas questões da Educação Infantil no Brasil, compreende-se que esse assunto é bastante amplo e que engloba diversos fatores que podem contribuir favorecendo uma educação de qualidade para os indivíduos desde os primeiros anos de vida, porém, o sistema

evidencia vários problemas que dificultam para que esse processo educativo aconteça de forma eficaz. Nessa discussão, o Referencial Curricular da Educação Infantil esclarece que:

As novas funções para Educação Infantil devem [...] considerar as crianças nos seus contextos sociais, ambientais, culturais e mais concretamente, nas interações e práticas sociais que lhes fornecem elementos relacionados às mais diversas linguagens e ao contato com os mais variados conhecimentos para a construção de uma identidade autônoma. (BRASIL, 1998, v. 1, p. 23)

Como diz as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), “Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade”. Desta forma, é obrigação da escola, contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento integral do aluno da educação infantil.

Então, é na Educação Infantil que a escola é a assistência fundamental para o desenvolvimento da criança porque é onde ela vai ampliar as suas habilidades sociais que vão lhe ajudar a viver bem em qualquer lugar. É na escola também que ela vai estimular sua curiosidade e viver novas experiências, e com a mediação dos educadores transformar seus conhecimentos.

## 2.2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A “contação de histórias” é uma das práticas mais antigas que se tem da humanidade. O ser humano conta histórias desde o início do desenvolvimento das habilidades de comunicação e da fala. As histórias promovem momentos de união, trocas de experiências, desperta a imaginação, as emoções, o interesse, as expectativas... A contação de histórias é um instrumento muito importante no estímulo à leitura, desenvolve a linguagem, desperta o senso crítico e oferece oportunidade de conhecer um mundo encantador.

Geralmente o primeiro contato que a criança tem com a leitura é por meio das histórias contadas por familiares ou professores. Essa prática é extremamente importante, é o início do processo de aprendizagem. Por isso, é tão importante escutar histórias, por que é o início da aprendizagem para ser um leitor e ter um caminho para descobertas e compreensão de mundo. Para Bettelheim (2009), as histórias representam, de forma imaginativa, aquilo em que consiste o processo sadio de desenvolvimento humano.

Ao contar uma história para uma criança, dá-se a oportunidade a ela de sonhar e criar fatos de um determinado local. Porém, as histórias contadas ou lidas, devem ser de interesse da criança, estimulando novas leituras, criatividade, ampliando a visão de mundo dos alunos, de uma forma prazerosa e mágica.

Antunes (2001) relata que é na infância que se transformam as atitudes. Ouvindo histórias, as crianças se identificam quem é o personagem do bem ou do mal e quais atitudes semelhantes ela já teve, faz comparações com situações vistas ou vividas e isso pode ajudá-la a resolver seus problemas. É ouvindo histórias que a criança vai receber aquele conhecimento que, mais cedo ou mais tarde, utilizará na sua vida, em momentos que precise fazer escolhas, na sala de aula ou na sua vida.

É importante aproveitar o gosto que a criança tem pelas histórias, para incentivar e estimular o desenvolvimento das aprendizagens, e não somente utilizar o livro como um mero instrumento pedagógico, ou para passar o tempo.

Nesse sentido, a valorização da contação de histórias na Educação Infantil possibilita às crianças um desenvolvimento mais completo, pois na maioria das vezes é apenas na escola que elas têm contato com histórias que lhes ajudam a perceber a ludicidade das palavras, podendo criar e recriar novos textos e iniciar o gosto pela leitura.

A contação de histórias na educação infantil é um ponto essencial para o desenvolvimento das crianças por que contar histórias contribui para alguns aspectos essenciais para criança é um deles é a curiosidade. Porque as crianças têm muitas perguntas, elas querem saber das coisas, elas são curiosas é só precisam de um ambiente que despertar isso nelas. E quando o professor conta uma história automaticamente desperta a curiosidade sobre a história contada. Ser curioso é fundamental, e a criança é muito curiosa e o professor precisa sempre criar estratégias para mexer com a criança, fazendo a criança levantar hipóteses sobre aquilo que ela ouviu com isso ela vai querer saber mais. Também vai ajuda com relação ao senso crítico dela, ela começa a ter uma ideia das situações e ter uma noção crítica sobre a história ouvida, uma opinião ela começa a desenvolver isso conforme o professor vai contando as histórias. Nessa faixa etária da criança o lúdico e o faz de conta tem poder imenso sobre a criança porque ela quer e precisa vivenciar conhecimento.

E, em seu artigo 8º, as DCN preveem que:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de

conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL, 2009, [s.p.]

Então por isso que contar histórias é importante também, é uma linguagem que a criança precisa desenvolver. Não só ouvir história pra se tornar um leitor, ouvir histórias pra aprender a ler, mas ouvir histórias pra elas entrarem em contato com essa linguagem que é diferente.

Proporcionar as crianças momentos lúdicos e ao mesmo tempo educativos é oportuna para que elas possam desenvolver suas competências dentro da língua materna. Segundo Coelho, (2002 p. 12) afirma que:

A história alimenta a imaginação da criança há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimento, disciplinar até fazer uma espécie de chantagem se ficarem quietos, conto uma história. “e isso”, “e aquilo”, quando inverso que funciona. A história aqueta serena, prende atenção, informa socializa e educa. O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de sofisticação de necessidades básicas das crianças. Se elas escutarem desde pequeninas, gostarão de livros vindo descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas.

Segundo Coelho (2002, p 10) a história faz todos sorrirem, a aula passa ser uma divertida brincadeira e até gente grande volta a ser criança, como afirma: “até gente grande volta a ser criança gosta de história imaginem as crianças”. Mas que para isso aconteça o narrador deve estar consciente de quão importante é a história, ele apenas conta o que aconteceu, emprestando vivacidade à narrativa.

As histórias além de possibilitarem o interesse na criança pela leitura também despertam o encantamento pela história pelo fato de que as mesmas vivenciam sentimentos e emoções que são passadas por meio dos personagens. Também por meio das histórias, as crianças ampliam e enriquecem o seu mundo mágico e aprendem a lidar melhor com determinadas situações, além de ampliar seu repertório verbal, ou seja, a construção de uma linguagem diferente da fala cotidiana. A história contada proporciona na criança a liberdade de criar e recriar outros mundos. Por este motivo, o trabalho com contação de história é tão abrangente, onde vários elementos além da palavra formam o leitor, um leitor além de palavras.

Diante desse entendimento, Sisto (2005, p.18) defende que “Moral da história: contar história é a possibilidade, sim, de formar leitores, num verdadeiro ato de subsistência, não só do já inventado, mas do universo que as palavras transcriam para levantar”.

### 2.3. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

É fato que as crianças que desde muito cedo, tem livros ao seu alcance, provavelmente se interessarão pela leitura na vida adulta. Portanto, as experiências positivas de leitura na primeira infância produzem bons leitores adultos. Dessa forma, começar o incentivo à leitura na educação infantil é um grande passo para a contribuição de futuros adultos leitores.

Abramovich em um relato emocionado mostra exatamente como foi à leitura para ela.

Ler, pra mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência dos personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 1997, p.14)

Quando a autora fala disso em seu livro, é possível perceber o encantamento que ela tem pela leitura. E esse encantamento, esse amor que ela demonstra ter, contagia e faz querer sentir isso também. Então, é esse sentimento de encantamento, de amor pela leitura que é preciso despertar nas crianças para que elas tenham vontade de ler e ser um leitor. Mas, para que esse sentimento seja despertado na criança é preciso que a leitura faça sentido e seja prazerosa pra ela. E se quem estiver lendo não demonstrar esse sentimento pela leitura provavelmente a criança não vai se interessar por aprender a ler. Por isso, ressalta a autora que “O Narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar admiração”. (ABRAMOVICH, 1991, p.20)

O primeiro contato que as crianças têm com os livros, com a leitura é por meio de um adulto, seja na escola, pelo professor, ou em casa por alguém da família, então a pessoa que lê e conta uma história para uma criança deve passar emoção pelo que está lendo.

Segundo Brenman “A função primeira do livro infantil é a estético-formativo, a educação da sensibilidade, pois reúne a beleza da palavra e a beleza das imagens. O essencial é a qualidade de emoções e sua ligação verdadeira com a criança” (2012, p. 161).

É preciso que seja constante e prazeroso esse contato da criança com os livros com as histórias, e o professor precisa mediar essa relação da criança com a leitura, com incentivo e atividades que aproxime a criança da leitura. E um dos meios para aproximar a criança da leitura são as histórias. Na educação infantil, as histórias são um importante instrumento educativo por ser lúdico e provocar momentos de interesse e concentração nas crianças.

O professor deve investir na contação de história porque, contar história é uma maneira de se ensinar valores, convivências e interação social. A partir do momento que o

professor trabalha com as crianças a contação de história e faz representação para eles de diálogos que eles normalmente não veriam na sua vida cotidiana, e esses diálogos das histórias mostram tanto a maneira como essa criança pode responder, como também ganhará experiências para lidar com situações adversas que ela precisa dialogar.

Ao ouvir história que gera o interesse pela leitura, é o primeiro contato que a criança tem com o livro, e essa criança vai começar a perceber que pode ler, que dali é que vem histórias, conhecimento, experiências. Então esse momento deve ser especial por que ele será uma potente possibilidade de o professor conseguir trazer a criança para o mundo da leitura.

Além do aumento do repertório verbal, quando ouve histórias lidas por adultos entusiasmados na sua função, a criança começa a descobrir as especificidades e as funções da língua escrita. Ela percebe que o escrito do livro, vocalizado pelo adulto, é diferente da fala cotidiana. Já presenciei inúmeras cenas de crianças pequenas que, depois de pedirem, repetidas vezes, a leitura de um mesmo livro, começaram a memorizar trechos inteiros do texto lido e a recitá-los. A incorporação do texto pela criança carrega para dentro dela sua funcionalidade, sua sintaxe. A gramática vivia é incorporada pelo pequeno leitor. (BRENMAN, 2012, pp.132,133)

E é nesse primeiro contato com a leitura que o professor não somente traz a criança para a leitura, como é possível gerar o interesse, o gosto e gerar também a necessidade. É possível fazer a criança gostar de viajar nos livros, nas letras, e de ver a contação de história, e ver que o professor repete isso muitas vezes em sala de aula e que isso pode ser repetido em casa pelos pais. E assim vai se formando o sujeito leitor.

O contar história também faz com que a criança tenha relações com sua língua materna, com o português. Contando história no português ela aprende relações e diálogos e depois reproduz esse diálogo nas suas brincadeiras. E com isso, ela está amadurecendo sua linguagem. Então se o professor trabalha desde cedo com contação de história e trabalha muito, com certeza o vocabulário dessa criança vai ser bem maior do que o vocabulário de outra que não teve uma vivência com histórias tão continua na sua infância.

As crianças que ouvem muitas histórias lidas por adultos, conforme já visto em Bettelheim (1992) e outros, falam mais e melhor do que aquelas excluídas dessa audição. Quantas vezes já não vimos pais maravilhados com alguma frase de seus filhos pequenos? E eles se perguntam: “De onde eles tiraram isso?” Provavelmente, foram dos livros em voz alta por algum adulto. Sem estudarmos a gramática, estamos vivenciando- a, ao lermos em voz alta livros de literatura às nossas crianças. (BRENMAN, 2012, p.133)

Essa atividade estimula a criatividade da criança, por que ela reproduz os momentos, então se o professor conta uma história com certeza ela vai levar essa história para outro

coleguinha, ele vai brincar com os bonequinhos dele, ele vai montar mundos imaginários, e essa reprodução se faz da criatividade.

As histórias têm um efeito maravilhoso, diverte, faz voar a imaginação, permite vivenciar sonhos. Aumenta o vocabulário, dá oportunidade de ter contato com a língua em seu registro escrito, e mostra que toda essa experiência enriquecedora pode nascer de um livro. Quando a criança vai aprendendo naturalmente, pelo convívio com as histórias. Depois, quando se aprende a ler, a prática da leitura continua a se manifestar com força em todo processo de ensino aprendizagem. A literatura infantil permite ajudar o aluno no seu conhecimento, contribui para se conhecer melhor, independente da quão fantasiosa será a história, ela permite que o leitor entre em contato com situações vividas em seu cotidiano.

Segundo Sisto “contar histórias é a possibilidade, sim, de formar leitores, num verdadeiro ato de subsistência, não só do já inventado, mas do universo que as palavras transcriam para levitar”. (2012, p. 18). Desta forma, é necessário que o contador também demonstre para a criança encantamento por aquilo que está lendo, pois, a criança aprende vendo e ouvindo. Então, se ela percebe o mundo encantador da leitura quando o professor lê, ela também vai querer conhecer esse mundo. E quando esse universo da leitura é apresentado para a criança por um adulto que tem prazer em ler e brinca com as palavras. Provavelmente essa criança não verá a leitura como uma obrigação, mas como uma necessidade pessoal.

A criança precisa perceber que é por meio da leitura que ela vai poder ver melhor o mundo e seus significados, ela nos leva a autonomia e através da mesma temos a possibilidade de nos posicionar diante do mundo.

Então, porque ser leitor é importante? Porque um leitor tem criatividade, inventividade, senso crítico, aprimora expressão, tem prazer de leitura e sensibilidade, que são aspectos fundamentais para a construção da humanização na educação infantil, questão fundamental para uma sociedade mais inclusiva e feliz.

#### 2.4. FORMAÇÃO CULTURAL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao longo da história foi se entendendo melhor a necessidade das crianças principalmente nas escolas foi-se percebendo que as crianças têm muitas necessidades que são importantes para o seu desenvolvimento: como emocionais e culturais que estão ligadas ao seu mundo nas coisas ao seu redor.

De acordo com Richer:

Um convite a compreender que o tema da formação cultural, não apenas em sua relação com a docência na Educação Infantil, é atravessado por tensões e contradições que exigem recorrer à reflexão, à criatividade, à busca de alternativas, que, por sua vez, remetem a um processo sempre em conflito, sempre aberto a “querer saber mais”. Isso requer dos professores o reconhecimento do valor da experiência de pensar coletivamente. Um processo que convida à democratização das decisões. (RICHER, 2016, p.17)

A formação cultural é uma experiência que tem que ser para os professores e para as crianças, o tempo todo precisamos de mais experiências culturais diferentes para poder aprender, pois é por meio das experiências que o professor vai adquirir elementos para analisar a realidade. Assim Richer (2016, p. 18) cita ainda que:

Educação e formação cultural são processos históricos em contínuo movimento de transformação e de renovação. Em cada um de nós, a transformação ocorre pelo alargamento dos limites de nossa percepção, dado pela participação nas produções culturais.

Então a formação cultural é mais que um acúmulo de saberes, são experiências de ampliação de conhecimento de mundo. Por isso, o professor precisa no seu cotidiano utilizar vários tipos de saberes até mais do que aqueles que ele adquiriu na sua formação acadêmica, ele precisa utilizar as experiências do seu cotidiano para lidar com os desafios na sua prática, por isso, quanto mais bem informado está o professor, melhor ele estará em meio aos desafios.

Richer (2016, p. 18) aponta como a experiência do professor é importante. Quando ele tem a experiência que isso pode movimentar. Assim, é uma relação de formação cultural com a experiência do professor, quanto mais experiência o professor tem mais ele pode proporcionar experiências legais para as crianças.

Portanto, as crianças de uma comunidade com os professores que na maioria das vezes são de comunidades diferentes, e tem culturas diferentes que podem se relacionar fazendo trocas potencialmente criativas ou podem, se o professor se achar mais culto e seu aluno e a comunidade menos culta, gerar preconceitos e uma relação de submissão e poder sem trocas significativas. Então o professor deve ver a criança como produtora e reprodutora de conhecimento levando em consideração os conhecimentos que ela traz sobre as vivências que ela já teve na comunidade em que ela está inserida.

Assim, pode-se dizer que “É impossível “passar” a experiência cultural, pois diz respeito à vida, e, assim, sua transmissão só pode se dar no viver” (RICHER, 2016, p. 20). Então não se pode passar experiência, é preciso viver para que se possa encontrar o caminho. Nesse sentido, o professor de educação infantil precisa mudar sua prática, reconhecendo que ele não pode passar experiência e sim proporcionar atividades para que o aluno possa viver suas próprias experiências.

Por conta disso, na contação de história na Educação Infantil, se não é possível passar a experiência cultural, mas possibilitar as crianças vivenciá-las, aquilo que o texto toca o professor poderá tocar ou não as crianças. Teremos no mesmo grupo então, experiências diferentes com a audição da mesma história porque a formação cultural das crianças é diferente entre si, mesmo que sejam da mesma coletividade ou comunidade.

Segundo Richer:

O sentir, ou seja, nossa sensibilidade, é esse elo de integração vital com o mundo, é aquilo que torna o mundo familiar para nós. Antes de aprender a nomear e conhecer o mundo, meu corpo já firmou com ele um “pacto”: ele “sabe”, antes de poder dizer e compartilhar suas sensações, o que significam quente, frio, leve, saboroso, pesado, mole, cheiroso. Porém, não basta sentir o mundo, é necessário também atribuir sentidos a ele. Ou seja, o prazer estético não está em somente sentir as coisas do mundo, pois a dor e o sofrimento também nos chegam sensivelmente, mas em transformar esse sentir em linguagem e, assim, torná-lo inteligível. (RICHER, 2016, p.24)

Ou seja, primeiro se sente para só então depois atribuir sentido significado. No caso da contação de história a linguagem que o professor usa pode não ser a mesma das crianças. Então, o professor precisa permitir que a criança use as diferentes linguagens que na contação de história pode ser o desenho, a oralidade e até mesmo o silêncio. A criança precisa viver experiências estéticas para ampliação de seu repertório cultural e ter assim, outras possibilidades de ver o mundo.

Contar história, não é para deixar o aluno mais culto, mas é possibilitar experiências que possam ajudá-lo a ler o mundo de forma muito diferente, ele vai ter repertório para ler a realidade de maneira diferente. Por esse motivo, o trabalho com a contação é tão abrangente, porque outros elementos além da palavra formam o leitor, um leitor além de palavras. Por isso, é tão importante que o professor seja um “ser encantado”, usando o lúdico para encantar as palavras mostrando para os alunos que a linguagem não serve apenas como meio de comunicação, mas ela amplia horizontes.

### 3. ANÁLISE, DISCURSÃO E RESULTADOS DOS ESTUDOS.

Os resultados das entrevistas foram analisados com o intuito de proporcionar uma reflexão sobre o uso da Contação de Histórias na Educação Infantil como um incentivo para formação do leitor na Escola Cristiana Rossi. Optou-se por apresentar as perguntas realizadas nas entrevistas em quadros para melhor visualidade das respostas das duas professoras. Dialogando com tais respostas a análise segue o diálogo com as observações das crianças.

Diante disso, apresenta-se a tessitura, possível de realizar, desse diálogo. A primeira pergunta realizada às professoras foi:

<b>1 - Você acha que a contação de história desperta o gosto e o interesse pela leitura?</b>	
<b>Encantada</b>	<i>Sim, desperta por que a criança ela imita né? E quando elas veem a gente lendo, elas querem fazer também. Isso acontece na sala, tem dias que eu dou um livro para eles aí eles contam história e precisava ver a postura eles querem contar eles querem mostrar é muito interessante! Desperta sim, e pode formar um leitor.</i>
<b>Fada Madrinha</b>	<i>Com certeza, as histórias são contadas principalmente para que desperte nas crianças esse interesse pela leitura. Elas começam a despertar para olhar as páginas dos livros e quando a gente vai contando a história ela já vai observando as letras e assim ela vai despertando para esse mundo da leitura.</i>

As duas professoras afirmam que a Contação de Histórias desperta sim, o gosto e o interesse pela leitura. Quando as crianças ouvem as histórias elas começam a despertar os olhares para as páginas dos livros, e vendo a professora contando história muitos deles querem imitá-la. É importante que as crianças ouçam histórias, como argumenta a autora Abramovich (1991), escutar muitas histórias desde pequeno é um caminho para a formação de um leitor. Por que além de ser um momento prazeroso, contar histórias estimula a leitura, o aluno consegue compartilhar ideias, construir conceitos e ele pode também comparar a história com sua realidade e com isso ele pode ter estímulos às novas descobertas.

A segunda pergunta da entrevista enuncia:

<b>2- Em que momento você conta história para os alunos?</b>	
<b>Encantada</b>	<i>Geralmente eu conto na chegada no primeiro momento assim que eles chegam eles estão mais tranquilos dá para prestar mais atenção na leitura. E assim eu leio antes o que eu vou fazer para eles e geralmente eu faço uma entonação dos personagens. Dificilmente..., eu nunca me caracterizei porque, assim..., embora eu gosto de contar história mas eu tenho vergonha de me caracterizar para alguém e ficar me olhando aí quebra toda a minha..... Aí eu prefiro sentar com eles no chão e contar história fazendo entonação na voz mostrando para eles a leitura assim, depois eu deixo eles falarem o que eles pensam, mas no final né, que eles vão recontar eles querem de novo querem ver o texto.</i>

<b>Fada Madrinha</b>	<i>A história, eu conto para eles no momento.... Assim eu aprendi numa formação que a história ela deve ser contada no início da aula. Quando você chega primeiro, você conta uma “leitura deleite” para que a criança já começa ali a despertar, então a história ela é contada logo no início da aula é uma metodologia assim que eu adotei através de uma formação do PNAIC que ela deve ser contada logo no início quando você chega na sala de aula até mesmo antes de você apresentar a aula que vai ser trabalhada o conteúdo e às vezes assim até essa história ela...ela.... Já tem a ver com a aula que vai ser trabalhada né.</i>
----------------------	--

Segundo o aporte teórico que se baseia este trabalho, em que pese o esforço que Encantada e Fada Madrinha empreendem para garantir esse momento de contação de histórias em sala de aula, é importante notar que, para as crianças na primeira infância e na Educação Infantil, não tem hora certa para as histórias serem contadas desde que agrade ao contador e aos ouvintes. Ou melhor, seria dizer que, se considerarmos que se o cotidiano se move pelo que as crianças querem e precisam saber, não há horas pré-determinadas e fixas rigidamente para as histórias serem contadas. Segundo Abramovich “Quantas vezes, no meio dum papo cálido e próximo, ou agitado e risonho, alguém diz: “Ei, eu já te contei essa história? Não??? Nossa... pois, é....” (1991, p. 22). Dessa forma, não há um momento certo pra se contar e ouvir histórias, desde que seja prazeroso para o contador e para o ouvinte.

Como já mencionado no decorrer do trabalho, o quanto é importante para a criança esse momento de ouvir história, e por ser importante que ele seja prazeroso, sensível e marcante para ela é mais importante do que ser um momento para estar calma. Nesse sentido, o método da professora Fada Madrinha, aprendido em uma formação do PNAIC conforme seu relato, não se adequa a Educação Infantil. Esse PNAIC que ela se refere é o que atua no ciclo de alfabetização do Ensino Fundamental, e tem a proposta de apoiar os professores no ciclo de alfabetização de 1º ao 3º ano. O curso orienta os professores no sentido de organizar suas aulas, no entanto, na Educação Infantil, os debates teóricos atuais apontam pela a percepção sensível das crianças para a professora organizar sua rotina, atua, portanto, em uma outra ótica.

Na terceira pergunta, obteve-se como respostas:

<b>3 - como você escolhe a história que vai contar? O que você leva em consideração?</b>	
<b>Encantada</b>	<i>Primeiro eu faço a leitura antes para ver o que dá para aproveitar na atividade do dia. Eu levo em consideração aquela leitura que vai contribuir para uma atividade por que nem todas as leituras, nem todos os livros dão para desenvolver uma atividade com eles. Por que por exemplo, eles orientam que a criança tem que criar, mas se eu conto uma história difícil para eles, fica difícil para eles colocarem no papel, imaginarem, trazerem para o papel. Então eu procuro leituras fáceis que dá para criar a partir daí eles contarem a história deles, a partir do desenho que não seja difícil para eles estarem elaborando isso. Assim... então, eu tenho esse cuidado na hora de escolher a leitura por isso o que vai ajudar eles na atividade de pintura de desenho até mesmo de escrever do jeito deles.</i>

<b>Fada Madrinha</b>	<i>Eu escolho o livro em casa, quando eu vou dar aula de manhã, eu escolho esse livro à noite para contar. Esse ano como eu tô com duas turmas de Educação Infantil de 4 anos aí já tem como contar a mesma história até porque são duas escolas diferentes, mas antes não. Eu escolhia para uma turma à noite antes de dormir para contar no outro dia de manhã e para tarde escolhia no horário do almoço, à tarde eu primeiro vejo a aula que eu vou trabalhar né, para que essa história, ela não fuja do sentido daquilo que eu quero trabalhar naquele dia que ela faça sentido com a aula.</i>
----------------------	---

As professoras escolhem as histórias pensando num conteúdo a ser trabalhado. É possível perceber no contexto da entrevista e nas relações que se estabeleceram em campo que este modo de escolha tem relação com o que as educadoras aprendem em suas formações (inicial e continuada). Uma escolha que prioriza a aula em detrimento da criança seus desejos e necessidades. Mas os referenciais teóricos deste trabalho nos levam a compreensão de que não se pode escolher um livro para contar uma história pensando única ou prioritariamente em conteúdos a serem ministrados. Não que os conteúdos não sejam importantes, mas se formos ver as histórias ensinam tantas coisas para as crianças sem que necessariamente sejam cobradas com atividades. As DCN em seu artigo 8º preveem que:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade, à convivência, e a interação com outras crianças. (BRASIL, 2009, p.1)

Então, por isso, contar histórias é importante, por que também é uma linguagem que a criança precisa desenvolver. E uma linguagem que acorda muitas linguagens! Não só ouvir história para se tornar um leitor, aprender um conteúdo, aprender a ler. Mas, ouvir histórias pra eles entrarem em contato com essa linguagem que é diferente. Sendo assim, vale ressaltar que a escolha das histórias é um momento importante. É interessante que o professor tenha plena consciência da faixa etária em que se está trabalhando e quais são os interesses apresentados pela turma. E tenha também, a plena consciência que essa fase da criança tudo é mágico é o início de tudo, onde tudo é novidades e descobertas e dependendo de como os ensinamentos são propostos a criança ela pode ir se interessando cada vez mais por querer conhecer mais daquele mundo encantador da leitura. A contação de história deve ser trabalhada na Educação Infantil, pois é um momento lúdico, para que as crianças possam tornar-se leitores e que estimule seu poder imaginativo, sua criatividade e sua concentração.

Na continuidade da entrevista, a pergunta que seguiu foi:

<b>4- Na hora de contar a história você prepara o local, os alunos?</b>	
<b>Encantada</b>	<i>Olha, geralmente as... eu conto na sala por conta da dispersão, porque às vezes saindo da sala eles se despeçam com mais facilidade, então eu geralmente faço na sala mesmo. Ou eu faço a roda de cadeiras, ou a gente senta no chão em círculo e lá eu conto a história preparo o cenário assim, com coisas que levem eles a despertar a curiosidade pelo que vai acontecer.</i>
<b>Fada Madrinha</b>	<i>Na hora que eu vou contar história eu sento no chão junto com os alunos formando um círculo. Antes de contar história eu canto uma música, é a música do silêncio para que eles fiquem em silêncio na hora que eu tiver contando a história, eles já sabe quando eu canto essa musiquinha, eles já sabem que é para ficar em silêncio, já sabem que vai ter história, que nós vamos contar uma história e eu falo para eles ficarem em silêncio que só é para eles falarem depois que eu terminar história, durante a história não pode falar, aí então eu apresento livro eu falo o nome do livro falo quem é o autor mostro a capa do livro para eles. Aí então eu começo a contar história para eles.</i>

As duas afirmam preparar o local colocando os alunos em círculos na sala de aula. A professora Fada Madrinha, além de colocar os alunos em círculos, ainda canta uma “musiquinha do silêncio informando que para ter história precisa ter silêncio. Assim Abramovich (1991), Brenman (2012), Sisto (2012) relatam que contar histórias em círculos pode tornar o ambiente mais acolhedor e ficar mais próximos contador e ouvintes. Abramovich (1991) ainda diz que cada ouvinte na hora da história deve se acomodar da forma que se sentir melhor para ouvir a história. Nisso, a criança não necessariamente precisa estar em silêncio ou olhando para o professor na hora da história. Ela pode estar ali num cantinho da sala brincando com seus bonequinhos e estar também ouvindo a história. É como a criança se sente melhor, mais à vontade para entrar no mundo encantado das histórias desde que quem esteja contado passe esse encantamento que as histórias têm. Por isso, Sisto (2012) fala da importância de conhecer a história antes de contar, da importância da preparação antes da contação.

A quinta pergunta realizada às professoras:

<b>5 - O que você faz quando termina de contar a história? Você estimula os alunos a falarem sobre a história ou espera que eles se expressem?</b>	
<b>Encantada</b>	<i>No final da história, como nós estamos em roda, continua uma roda de conversa contando que eles entenderam, o que eles acharam se dependendo da história tem uma moral, o que eles acham que está por trás daquela história, os personagens... se tem personagem bom, personagens ruins... A gente faz essa conversa é só troca de conversa mesmo, eles dizem o que pensam, que eles acham eu faço através de uma pergunta eu pergunto o que eles entenderam e cada um fala um pouco.</i>
<b>Fada Madrinha</b>	<i>Depois que eu termino de contar história eu começo a fazer perguntas da história como é o nome da história, os fatos, os acontecimentos que foram falados na história, para ver se eles conseguiram entender a história, se chamou atenção, se eles entenderam. Mas as crianças de 4 anos geralmente quando você conta uma história e você faz a pergunta eles já estão com a resposta na ponta da língua ele sempre respondem, sempre compreendem mesmo porque eles estão assim iniciando né o processo de alfabetização, então eles estão bastante curiosos.</i>

As duas professoras falaram em suas entrevista que ao final da história conversam sobre e fazem perguntas acerca da história que foi contada. Sisto (2012) fala sobre o depois, que deve estimular o debate fazendo com que o aluno faça relação da história com sua realidade, mas não cobrando e sim estimulando. É importante também incluir neste debate a necessidade de que o trabalho com a contação de histórias vá além de encontrar o personagem principal, a sequência cronológica dos acontecimentos, a sua moral, a dimensão literária que a experiência propõe. Ouvir o texto, sentir o que ele nos provoca, os lugares para onde eles nos levam.

A sexta e a sétima pergunta buscam investigar as experiências de formação leitora das educadoras:

<b>6 - Quando você era criança alguém lhe contava história?</b>	
<b>Encantada</b>	<i>Desde criança eu morava no interior não tinha contadores de história na minha família tinha aqueles livrinhos antigamente que eu não sei como é que fala o nome é.... não é literatura de cordel mas é bem parecido né que eu acho que entra aí nesse nessa nomenclatura e quando eu comecei a ler eu sempre gostei eu gostava de ler eu ficava até tarde da noite aí depois eu fui crescendo eu não sei se tu lembra aquelas histórias Sabrinhas era minha leitura predileta eu não dormia à noite eu lia um livro daquele por dia. E eu lembro assim o meu primeiro contato com a leitura foi a história do cão de um cachorro né. E era uma história muito triste que o cão uivava que o dono morreu e ele ficou sozinho então ele uivava muito com saudade do dono, isso mexia muito comigo que até eu chorava quando lia a história e assim a partir daí eu não parei mais.</i>
<b>Fada Madrinha</b>	<i>Não. Eu não tive esse hábito não, ninguém contava história para mim esse hábito eu adquiri através das formações eu também entrei para o mundo da leitura através de uma formação que eu fui que a professora contava uma leitura deleite antes de ensinar a gente. Isso me serviu de incentivo me despertou também bastante pela leitura por que o tempo que eu estudei isso não fazia parte né da metodologia e eu me apaixonei tanto pela contação de história que eu tenho bastante livros, passei a comprar muitos livros de historinhas.</i>
<b>7- Qual o seu envolvimento com a leitura? Você lê com frequência?</b>	
<b>Encantada</b>	<i>Eu leio por prazer, só que agora com as meninas em casa eu me sinto mas na obrigação de ler mais para elas, para elas despertarem para isso né. Mas assim a minha leitura até pouco tempo era mais por conta do trabalho mesmo, ler porque tinha que ler para o trabalho.</i>
<b>Fada Madrinha</b>	<i>A gente...nós professores... a gente sempre tem que encontrar né! É encontrar esse tempo é para leitura apesar que a gente já é um trabalho assim quem tem 200 horas fica o tempo todo em sala de aula mas a gente sempre tem que estar lendo para se atualizar para dar uma aula melhor, vão passando os anos e a gente vai tendo formação de que mudou a forma de ensinar então a gente tem que estar sempre em busca de novos conhecimentos para melhorar nossa prática em sala de aula. Todo dia eu me considero uma professora leitora porque uma professora que não lê é complicado.</i>

De acordo com o relato das professoras, nem uma das duas tiveram contato com contadores de histórias em sua infância. Ambas, usam a leitura mais para o trabalho do que por prazer em pegar um livro pra ler. Diversos são os motivos “cansaço, falta de tempo”. Quando estava entrevistando as professoras sobre suas vivências com a leitura, e quando li Abramovich, e em vários trechos que li pude perceber o amor, envolvimento e o encantamento que ela tinha com a leitura chega a encantar que lê. E na conversa com as

professoras não percebi esse mesmo encantamento, elas falaram que liam, que gostavam de ler, mas não passavam o mesmo encantamento que percebo quando leio Abramovich (1991). Talvez seja isso que esteja faltando pra nós professores, o envolvimento de fato com a leitura, o encantamento que a leitura pode passar. Precisa-se ler para nós mesmos e para nossos alunos sentindo o que estamos lendo, vivendo cada história, vendo o mundo através dos olhos dos autores, nos encantando com a leitura para então poder encantar aqueles que nos ouvem contar a história, pois é isso que os alunos precisam ver e sentir em nós, o envolvimento o encantamento, para então despertar neles o querer descobrir o que têm de bom nos livros. O contador precisa encantar quem está ouvindo.

A caminhada até aqui me ajudou a entender o porquê da dificuldade de compreender o quão complexa e relevante é a contação de histórias para a vida e, mais especificamente na escola, para desenvolvimento e a aprendizagem da criança como um ser integral intelectual, emocional, sensível. Como nos ensinou Brenman (2012) essa experiência da função estético-formativo, passa pela educação da sensibilidade. É mais difícil compreender os efeitos e resultados na vida dessa experiência narrativa quando não a temos como uma ligação de verdade entre quem conta e quem ouve. É necessário que contar histórias, seja importante para os professores tanto como para as crianças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa, investigou-se sobre a importância da Contação de História na Educação Infantil para a formação de leitores. Com essa pesquisa conclui-se que as histórias são de fato importantes para a formação do leitor, e que os professores atribuem importância a essa prática.

Verificando o sentido e o significado que as professoras de Educação Infantil da Escola Cristiana Rossi atribuem à Contação de História em suas práticas cotidianas, ficou claro, que elas acreditam que a Contação de História é importante sim para a formação do leitor. Sendo trabalhada pelas professoras com frequência em suas aulas, acreditam ainda que assim estão contribuindo para o despertar desse mundo mágico que é a leitura.

O desafio, porém está para, além disso. A Contação de História é desenvolvida na Educação Infantil da Escola Cristiana Rossi pelas professoras sempre no início das aulas. Mas, de acordo com autores citados no trabalho não há um momento certo para se contar Histórias na Educação Infantil, não há necessidade de haver um planejamento para se contar histórias nessa fase da criança, portanto, o professor precisa ter um olhar mais atento em suas práticas educativas na Educação infantil e considerar que a percepção daquilo que as crianças querem e precisam saber, é que vão orientar as escolhas na organização do trabalho pedagógico.

Com relação a formação leitora das professoras, pode-se dizer mediante seus relatos nas entrevistas, que o contato que elas tiveram com a leitura não foi por meio de Contadores de Histórias e que suas vivências com a leitura foi por meio do trabalho. As professoras não deixam de falar sobre a importância que a contação de História tem para a formação do leitor, mas não mostram o valor e a importância que essa leitura traz para o aluno. Portanto, o professor que tem uma formação cultural leitora, ele tem mais condição de atribuir a importância devida a Contação de História na Educação Infantil.

Com essa pesquisa os objetivos foram alcançados, porque se conseguiu verificar qual o sentido e o significado atribuído pelas professoras a Contação de História, onde se conseguiu identificar como e quando elas contam histórias e qual sua formação leitora. Diante disso, percebi que quanto mais os professores têm uma boa formação leitora, um bom envolvimento com a leitura eles vão perceber a literatura como mais uma possibilidade de desenvolvimento e de aprendizagem da criança para além de discipliná-los a começar a aula calmos ou aprenderem conteúdos de determinadas disciplinas. É preciso então, que a formação docente

seja mais que considerar os livros e a leitura, a literatura é importante para aprender alguma coisa previamente determinada, mas viver a possibilidade de expansão dessas linguagens infantis.

Essa pesquisa também contribuiu de forma significativa para minha vida pessoal, profissional e acadêmica. Com relação a minha vida pessoal, percebi que com a leitura eu posso estar inserida na sociedade não apenas como uma cidadã, mas uma pessoa que pode contribuir sendo mais expressiva, crítica e defendendo minhas opiniões com argumentos plausíveis. E descobri também, que posso conhecer novos universos sem nem sair do lugar e que a vivência com a literatura, tanto como leitora quanto professora e contadora de histórias, me causa emoções que jamais podia imaginar. Encontro nessa experiência um lugar de importância quando escolho contar uma história que me toca e posso ver nos olhos das crianças que elas são tocadas também. Experiência que transborda a condição de professora.

Na vida acadêmica, descobri que a leitura pode me ajudar a ter mais visão de mundo com argumentos suficiente para tratar de assuntos variados, e por fim; com relação ao meu profissional, este trabalho me ajudou a ver que através da leitura posso ser um profissional crítico, ter consciência da realidade que estou vivendo e que posso ser capaz de compreender e de transformar a realidade em que estou inserida.

O professor que utiliza a contação de história como recurso em sala de aula aguça a imaginação das crianças, desenvolvendo nelas a capacidade cognitiva de percepção do livro como instrumento de informação e descontração. Através da pesquisa realizada neste estudo foi possível compreender como é ampla a utilidade da contação de histórias como um instrumento mediador em sala de aula contribuindo significativamente para o desenvolvimento infantil.

Visto a importância da contação de histórias na escola, será importante a continuidade deste estudo com novos enfoques sobre a Contação de histórias como uma poderosa ferramenta para a formação de leitores na educação básica.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Alfabetização Emocional**. São Paulo: Terra, 2001.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**. 2º ed. São Paulo: Scipione. 1991.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** /Secretaria de Educação Básica. (2009). Brasília. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category\\_slug=janeiro-2012-pdf&itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&itemid=30192). Acesso em 12 de outubro de 2018.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 13 de julho. 2018.
- BRASIL. **Constituição, 1988**. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Volume 1: Introdução; Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRENMAN, Ilan. **Através da vidraça da escola: formando novos leitores**. 2ª ed. Belo Horizonte: aletria, 2012.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2002.
- HERMIDA, Jorge Fernando, ALEXANDRE, Walmyra Medeiros. **Teoria e Prática nos Professores de Educação Infantil: O Lúdico, a Brincadeira e o Movimento na Práxis Educacional**. Maceio/AL, Outubro de 2010.
- LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA J. F.; TOSCHI M. S.; **Educação escolar: políticas estrutura e organização**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação)

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MELLO, Suely Amaral. O processo de aquisição da escrita na educação infantil: contribuições de Vygotsky. IN: FARIA, Ana Lúcia Goulart e MELLO, Suely Amaral (orgs.). **Linguagens infantis; outras formas de leitura.** Campinas; Autores Associados, 2005, 23-40.

Nascimento, M. E. P. **Os profissionais da educação infantil e a nova lei de diretrizes e bases da educação nacional.** In: Faria, A.L.G. e Palhares, M.S. (orgs.). *Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios.* 5 ed. Campinas, SP, Autores Associados. 2007.

OUTERIAL, José. **O mal estar na escola.** Rio de Janeiro: Revinter. 2003.

RICHER, Sandra. **Docência e Formação Cultural.** PINAIC Caderno 1 - Ser Docente na Educação Infantil: Entre o Ensinar e o Aprender / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 1.ed. - Brasília: MEC /SEB, 2016.

SILVA, Aida M. Monteiro. **Da Didática em Questão às Questões da Didática.** CANDAU, Vera Maria (org) Didática, Currículo e Saberes Escolares X ENDIPE. 2ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.187-197.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos.** Belo Horizonte: Aletria. 2012.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias** (2ª ed. revista e ampliada). Curitiba, Positivo, 2005. 144p.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

## **ANEXOS**

### **Roteiro de entrevista com as professoras**

- 1 - Você acha que a contação de história desperta o gosto e o interesse pela leitura?
- 2 - Em que momento você conta história para os alunos?
- 3 - como você escolhe a história que vai contar? O que você leva em consideração?
- 4 - Na hora de contar a história você prepara o local, os alunos?
- 5 - O que você faz quando termina de contar a história? Você estimula os alunos a falarem sobre a história ou espera que eles se expressem?
- 6 - Quando você era criança alguém lhe contava história?
- 7 - Qual o seu envolvimento com a leitura? Você lê com frequência?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PRO-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA  
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Documento a ser utilizado em entrevista e uso de imagem assinado em duas vias, uma de posse do pesquisador e outra do entrevistado.

Eu, Francielem Cristina de Souza,  
RG 4584924 estou ciente de estar participando de uma  
pesquisa sobre Formação de Leitores na E.F. para que Contem histórias Professoras?  
vinculada ao PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA,  
pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Minha contribuição se dará através da  
concessão de relatos orais a ser gravado pelo pesquisador, e o direito de uso de minha  
imagem através de captura fotográfica a ser usada para a finalidade da pesquisa,  
garantindo que não será utilizada para o detrimento de minha pessoa ou da imagem da  
comunidade.

Minha participação não envolve custos, como também nenhuma  
compensação financeira ou outro tipo pela mesma. A pesquisa não envolve riscos ou  
danos à saúde.

Reservo-me ao direito de não responder algumas das perguntas ou de, a  
qualquer momento, interromper a entrevista ou a captura da imagem caso seja  
necessário. A assinatura desse consentimento não inviabiliza nenhum dos meus  
direitos legais.

Após ter lido e discutido com o pesquisador os termos contidos nesse  
consentimento livre e esclarecido, concordo em participar como colaboradora,  
contribuindo com o prosseguimento da pesquisa da pesquisadora

Leonice Costa Pinheiro (RG 3068125)

0210312019

Assinatura do colaborador (NOME)

Francielem Cristina de Souza

Pesquisadora Leonice Costa Pinheiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PRO-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA  
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Documento a ser utilizado em entrevista e uso de imagem assinado em duas vias, uma de posse do pesquisador e outra do entrevistado.

Eu, Raimunda Maria Ferreira da Silva,  
RG 249 10 75 estou ciente de estar participando de uma  
pesquisa sobre Formação de Leitores na E.I. Para que Contem Histórias Professoras?  
vinculada ao PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA,  
pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Minha contribuição se dará através da  
concessão de relatos orais a ser gravado pelo pesquisador, e o direito de uso de minha  
imagem através de captura fotográfica a ser usada para a finalidade da pesquisa,  
garantindo que não será utilizada para o detrimento de minha pessoa ou da imagem da  
comunidade.

Minha participação não envolve custos, como também nenhuma  
compensação financeira ou outro tipo pela mesma. A pesquisa não envolve riscos ou  
danos à saúde.

Reservo-me ao direito de não responder algumas das perguntas ou de, a  
qualquer momento, interromper a entrevista ou a captura da imagem caso seja  
necessário. A assinatura desse consentimento não inviabiliza nenhum dos meus  
direitos legais.

Após ter lido e discutido com o pesquisador os termos contidos nesse  
consentimento livre e esclarecido, concordo em participar como colaboradora,  
contribuindo com o prosseguimento da pesquisa da pesquisadora  
Luonice Costa Pinheiro (RG 3068125).

Data: 02/05/2019

Assinatura do colaborador (NOME)

Raimunda Maria Ferreira da Silva  
Pesquisadora Luonice Costa Pinheiro